

OS MANIFESTOS ROSACRUZES

Veio à estampa no passado mês de Novembro, o livro “Os Manifestos Rosacruz” do professor e investigador, Rui Lomelino de Freitas. Trata-se de um livro que faz uma reflexão interessante, sobre a publicação dos três Manifestos Rosacruz na segunda década do século XVII: 1614 – 1615 – 1616. Estes Manifestos que emergiram do círculo interno de Tobias Hess, o seu mentor, em Tübingen, na Alemanha, têm como o seu grande herói, Cristão Rosacruz.

O impulso Rosacruz dado pelos Manifestos, à época, propunha uma reforma do mundo, não só na sua vertente política, mas também social, religiosa e científica. *“Para que isso sucedesse, eram necessários o conhecimento e a aplicação das leis naturais e divinas, através de um processo simultaneamente individual e social conduzido pelo espírito liberto no ser humano”*. Dito de outra forma, a reforma do ser humano tinha por base o seu auto-aperfeiçoamento que depois se iria reflectir na sociedade, modificando-a para melhor.

A FAMA FRATERNITATIS ROSAE CRUCIS, Manifesto da Muito Louvável Ordem Rosa Cruz Dirigida aos **dirigentes, governantes** **e ilustrados** da Europa.

Daqui se infere, que este impulso era dirigido aos eruditos da Europa, pessoas que tinham poder e influência, e não, necessariamente, a toda a população. Nem podia ser de outra maneira: quantas pessoas sabiam ler e escrever na Europa desse tempo, pergunto?

Se aqui abrirmos uma janela temporal e espreitarmos trezentos anos mais adiante, verificaremos que há um novo impulso, através da Fraternidade Rosacruz entre outros. Desde o final do século XIX até à segunda década do século XX, o mundo transforma-se, e assiste estupefacto ao eclodir da 1ª Guerra Mundial bem como à pandemia da Febre Espanhola que se lhe seguirá. No entanto, o movimento espiritual rosacruz que coexiste neste tempo é diferente dos Manifestos do século XVII, embora ambos de cariz cristão, a Fraternidade Rosacruz abarca uma maior franja da população mundial, porque não se foca só nos dirigentes, governantes e ilustrados, mas é dirigida a todos.

Qualquer pessoa que soubesse ler e escrever, somar, subtrair, multiplicar ou dividir, poderia inscrever-se nos cursos por correspondência que a Fraternidade ministrava, e fazer o seu caminho, que não discriminava o indigente daquele de elevada posição, mas que respeitava ambos por igual.

O que Max Heindel realizou no curto espaço de dez anos, desde a fundação da Fraternidade Rosacruz em 1909, até à sua morte em 1919 é digno de registo. No meu entender o que ele fez foi replicar o exemplo de Cristo para o século XX, nomeadamente, a disseminação da filosofia rosacruz e a cura. Nessa perspectiva, colocou a iniciação aberta para todos, tal como o Cristo fez. Basta “viver a vida”, através da pureza e do serviço, *et voilà*, a iniciação fica mais perto.

“Que as Rosas Floresçam na Vossa Cruz”

António Ferreira
2020-12-01